

A questão do repovoamento dos rios: uma utopia?

23 maio 2008

Aproxima-se o dia 5 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente. Várias atividades são realizadas para “comemorar” esse dia, dentre as quais, a soltura de peixes em rios é uma das mais divulgadas como ação de recuperação ambiental, como se fosse reflexos da conscientização na sociedade. Esse tipo de ação é, sem dúvida, importante, porém isolada e sem a avaliação de seus resultados torna-se apenas mais uma estratégia de marketing. É preocupante o modismo crescente de tentar resolver a falta de peixes nos rios e reservatórios através de repovoamento, isto é, introduzindo alevinos criados em cativeiro.

Ao invés de “jogar” esses peixes nos rios, a diminuição de estoques pesqueiros deveria ser combatida na origem que é a devastação ambiental em vários aspectos, como a destruição de matas ciliares, a descaracterização e destruição de ambientes de alimentação e reprodução, a construção desordenada de barramentos que impedem a migração reprodutiva e alimentar de muitas espécies. Além disso, a contaminação dos recursos hídricos pelos efluentes das cidades, lavouras e indústrias contribui significativamente para a redução e até desaparecimento de espécies, especialmente aquelas mais apreciadas por pescadores e consumidores em geral.

É importante salientar alguns aspectos que mostram a ineficácia do repovoamento como estratégia para recuperação de estoques. Os alevinos utilizados são quase sempre oriundos de um casal ou poucos casais, provocando uma redução da variabilidade genética, o que compromete a sobrevivência de uma determinada espécie. As populações naturais possuem uma grande variabilidade genética pelo fato de serem provenientes de muitos casais que se reproduzem na natureza, selecionados pelas condições do ambiente natural.

Além disso, a criação em cativeiro, com altas densidades populacionais, é propícia ao aparecimento de doenças e propagação de parasitas que são introduzidos, juntamente com os peixes. O caso mais conhecido é a lérnia (*Laernia ciprinacea*), um crustáceo minúsculo que foi importado para o Brasil, juntamente com

as carpas húngaras, e que disseminou-se primeiramente nas pisciculturas, onde pode provocar mortandade maciça e nos ambientes naturais onde foi introduzida, por repovoamentos de peixes, tornou-se praga, impossível de ser erradicada.

Os repovoamentos são feitos quase sempre usando alevinos, que como qualquer ser vivo, necessitam de alimento. Assim, se não há alimento, não haverá desenvolvimento desses peixes. De modo que antes da soltura, a melhoria do ambiente deveria ser a principal ação, ou seja, recuperação da qualidade da água, através da reposição de matas ciliares e tratamento de efluentes.

Por que as pessoas querem promover repovoamentos de rios e represas? Porque percebem que estão faltando peixes. Mas, por que faltam peixes? Pela degradação ambiental e sobrepesca (pesca em excesso ou inadequada). O repovoamento combate apenas as conseqüências e na verdade, pode causar ainda mais problemas. Quantos peixes de cada espécie deverão ser soltos? São necessários estudos prévios para saber a composição daquela comunidade, quais são os predadores, como são as cadeias alimentares.

As ações deveriam estimular a recuperação das condições naturais dos rios, lutar contra a destruição de matas ciliares e degradação de suas águas pelos agrotóxicos, esgotos das cidades e poluição industrial. A conscientização de pescadores e da população em geral, de que a pesca não pode ultrapassar a capacidade de reposição de estoques das populações naturais de peixes, obedecendo os limites impostos pela natureza e referendada pela legislação, como tamanho mínimo de captura, cotas de captura e período de defeso de reprodução, contribuirá efetivamente para a preservação dos peixes que nos fornecem alimento e lazer.